

Teoria da Reencarnação na visão de um Cético

Por Thiago Toscano Ferrari

Recebi, por e-mail, um artigo intitulado de [Teoria da Reencarnação](#), cujo autor é José Moreira da Silva. Confesso que, apesar do entendimento da reencarnação já ter passado por centenas de anos de amadurecimento, estranhamos que algumas pessoas ainda não a compreendem em sua profundidade, objetivo e fim que o Criador nos proporciona o progresso. Com isso, seguirei em destaque o texto do crítico cético e nossa resposta em seguida.

Eu tenho um cão e um gato. Eles aprenderam a fazer coco e pipi no local certo. Sabe por que? Porque eu os pego no ato e levo para o local adequado e ao mesmo tempo fico gritando, “Não pode!”

Esse método funciona porque o cão ou gato percebe o que está fazendo e associa a desaprovação com o ato que esta praticando. E com o tempo eles aprendem a não fazer suas necessidades em nenhum outro local a não ser o indicado.

Se você vir o cachorro fazendo suas necessidades em um local proibido, esperar uma hora e depois xingá-lo, não funciona. Ele não vai aprender nada porque não sabe o motivo de estar sendo punido. Sendo assim, é pura perda de tempo e até crueldade, puni-lo.

O exemplo de um animal com um certo livre arbítrio condicionado é até interessante, mas ele não tem escolha, apenas tem o instinto de realizar suas necessidades fisiológicas em qualquer lugar, entretanto quando domesticado, é condicionado a realizar em local apropriado por quem o adestrou. Não existe lugar correto ou inadequado para o animal, simplesmente pelo fato de que mais importante são suas necessidades fisiológicas, pois estas impactam em sua sobrevivência. O local no reino animal pouco importa.

Sendo um animal silvestre e até mesmo selvagem, esta domesticação não será tão adequada, pois o instinto de muitos animais não coaduna com a intervenção de um adestrador, no que se refere a mudar seus instintos de sobrevivência. Os animais trabalham com a repressão humana que visa à educação e pelo sistema de recompensa após realizar um ato proposto pelo seu adestrador, mas não deixa de realizar seus atos de sobrevivência como ser carnívoro e se alimentar de animais para sobreviver, procriar, etc. O mais curioso é o exemplo que veremos a seguir, quando se tenta comparar um adestramento de um animal ao do ser humano, com objetivo de negar a reencarnação.

O mesmo acontece com uma criança. Se uma criança não sabe porque está sendo punida porque não lembra do que fez, a punição é cruel e injusta, sendo assim até com as crianças convém punir em tempo hábil.

Vamos à reencarnação. Nela, eu estaria na mesma condição do cão. Estaria sendo punido por um crime que não sei que cometi. Se eu não lembro de nada, a punição sempre será injusta para mim.

Quando comparado à atitude de adestramento de um animal que deverá ser no ato de sua realização, sendo, neste caso, o de uma necessidade fisiológica, visando condicionar um instinto animal a uma prática humana, compara-se a uma criança que

não sabendo de uma punição, por não se lembrar do que fez por sua memória recente, tendo que realizar em tempo hábil do que ela se recorda ter infringido uma regra, torna-se injusta na visão cética da reencarnação. Nesta visão, a comparação de punições humanas, estaria em pé de igualdade a de um cão que deverá ter em sua memória recente a associação de um ato do adestrador para condicioná-lo a uma regra. Partindo deste axioma, acredito que o cético não estudou a fundo a Codificação Espírita e não dedicou um tempo necessário para observar as leis naturais e sua aplicação na educação de um espírito encarnado. De um lado há a punição de um animal destituído de uma memória recente que necessita de associação ao ato infrator com a correção imediata visando o fim necessário que é a correta utilização de um local apropriado às suas necessidades, por outro lado já encontramos um espírito encarnado que já possui uma memória recente e tem condicionado uma educação que segue as orientações paternas para construção de seu caráter ao longo de sua atual encarnação.

Os exemplos dados não se aplicam, via de regra, a injustiça, como coloca o ceticismo, de haver na cobrança de erros pretéritos, sendo estes provindos de encarnações passadas. O que justamente ocorre é a fase da infância preparada para o espírito reencarnado em ter a oportunidade de reconstruir seu caráter, se houve no passado um comportamento que o desviou do caminho que direciona o espírito ao grau de felicidade plena. A reencarnação é um processo pedagógico que tem por princípio primordial a evolução do espírito e se este se desvia do caminho, necessário se faz reconduzi-lo ao progresso.

Vou dar-lhe um outro exemplo prático. Suponhamos que você esteja aprendendo a dirigir. Eu te ensino tudo que tem que fazer. Passamos uma tarde inteira treinando e no dia seguinte, você esquece tudo que lhe ensinei. Tenho que começar tudo de novo. E assim por diante. É óbvio que você nunca vai evoluir dessa forma. Nunca vai aprender nada assim, pois o processo de aprendizagem é cumulativo. É como a adição. Todo dia vai se acrescentando algo até chegar a um total. Esse total seria o que você aprendeu. Sem memória não há aprendizagem.

Neste ponto da argumentação cética, há a ideia de que o aprendizado deverá ser condicionado à memória e que a reencarnação deveria capacitar o indivíduo lembrar-se de tudo o que tem aprendido em milênios de experiência. O que de fato, somente a reencarnação comprova as aptidões inatas em diversos graus nos espíritos encarnados sobre diversas potencialidades desenvolvidas. A facilidade de se obter êxito em uma área nos coloca como conhecedores de suas nuances e nos move ao aprendizado numa velocidade que outros necessitam de maior esforço em desenvolver-se. Sem a reencarnação, caberá ao ceticismo a única saída o argumento da transmissão genética para explicar o que o espírito tem por mérito próprio o conhecimento inato e a predisposição em certos aspectos do desenvolvimento humano.

Se um aluno na escola da vida tem dificuldades em certa matéria do exercício de uma virtude, ou ainda o desenvolvimento de um conhecimento humano, tal qual o exemplo cético de um simples aprendizado na direção de um veículo, faz-se necessário à repetição das mesmas instruções para fixação ou automatização do aprendizado, o que os fatos apontam para mentes brilhantes que já assimilam com maior velocidade o que alguns têm dificuldade de desenvolver. Este exemplo dado observa suas particularidades apenas em um prisma, deixando outras considerações que precisam ser apreciadas e que a reencarnação é o elo da evolução humana que impele seu conhecimento e nos responde a diversidade de capacidade inata dos indivíduos na experiência terrena, mas que também exigem de outros um maior esforço no aprendizado. Partindo deste axioma, acredito que respondemos ao exemplo cético que desabona a reencarnação e que nós a colocamos como condição *sine qua non* para

entendimento da diversidade de capacidades e virtudes humanas tão distintas e diversas em nosso meio.

Outro detalhe, a memória é mais importante do que se imagina. A memória é aquilo que somos. Quando somos criança absorvemos aquilo que dizem a nosso respeito. Para uma pessoa dizem, “Você é brasileiro, teu nome é José, e sua mãe é fulana e assim por diante.” Você é o resultado de tudo que dizem que você é e mais as experiências que você teve acrescido as suas tendências genéticas. Dependendo da sociedade que nascer, você será totalmente diferente. Se você tivesse nascido nos EUA, hoje seria outra pessoa. Se tivesse nascido na Etiópia, também. Tendências naturais fora e além de seu controle equivalem a pelo menos 90% do que você é. E isso é um fato científico”.

Mas a sua personalidade não poderia se desenvolver dentro de nenhum sistema cultural sem memória. Imagine se você ensina a seu filho quem ele é, sobre sua família, suas raízes, sua cultura e assim por diante e ele esquece tudo no dia seguinte? Não haveria evolução alguma. Como somos aquilo que lembramos que somos, a teoria da reencarnação cai por terra aí.

A memória de uma vida encarnada é fruto do registro do espírito. Contudo o ceticismo deposita no órgão cerebral a consciência, mas o cérebro se trata de um veículo de manifestação da consciência humana e não a consciência como fruto de ondas cerebrais contidas nos impulsos elétricos de seus neurônios. É bastante palatável tal tese, uma vez que os fenômenos de Experiência Quase Morte (EQM) registram atividade da consciência após a parada dos batimentos cardíacos que impactam na paralisação da atividade cerebral, sendo que, após estes pacientes regressarem no procedimento médico de ressuscitação, relatam atividades que o cérebro não tinha a capacidade de gerar, já que estava inativo vindo assim a consciência imprimir no seio médico-científico sua parcela de sobrevida num processo de morte aparente. Isto sim é comprovado cientificamente.

O que importa numa nova encarnação são as aptidões e tendências que um indivíduo venha a ter. Na ocasião do esquecimento do passado é completamente passível de compreender, já que no processo de reeducação espiritual, o espírito encarnado tem nova oportunidade de reconstruir um caráter completamente desviado numa vida anterior. Noutra análise, suas potencialidades outorgam ao espírito o desenvolvimento de suas deficiências morais e intelectuais ainda não aprendidas nas vidas passadas e aprimoramento de suas virtudes, dando-lhe a marcha do progresso a ferramenta de existência inata em suas aptidões, ou ainda contribuir com a humanidade com seus conhecimentos humano-científicos e adiantamento moral.

Outro exemplo que o ceticismo faz certa “vista grossa” é o simples fato de haver espíritos encarnados que numa vida pretérita eram adversários e que na vida presente vem com objetivo de reatar os laços antes rompidos. Para este fim que o esquecimento do passado inibe o constrangimento, caso houvesse a lembrança de suas vidas pretéritas na vida presente. Existem inúmeros casos a ilustrar, mas este é apenas uma amostragem do benefício da reencarnação como meio de aprendizado acumulado, vindo a se tornar visível em diferentes níveis de intelectualidade e amadurecimento moral de cada indivíduo.

O karma também é um conceito difícil de engolir. O karma é como se fosse o próprio Deus. Ele fica anotando tudo que você faz, momento a momento, e depois manipula as circunstâncias para você sofrer pelo que fez ou conseguir bençãos. Esse tipo de sistema não é compatível com o

livre arbítrio. Ou seja, para o karma fazer você pagar ou ser recompensado, ele teria que manipular pessoas e circunstâncias para esse fim. Sendo assim, as pessoas não seriam livres. Ou pelo menos a grande maioria de suas ações não seriam geradas por si próprias, pois elas teriam que cumprir a vontade do Karma. E assim o Karma estaria usando uma pessoa para punir outra. Digamos que usa alguém para lhe dar uma surra porque você deu uma surra em outra pessoa em outra vida. Essa pessoa que está te dando uma surra hoje para puni-la vai ser punida também? Se você está sendo estuprada, você está pagando pelo que fez antes, então o estuprador está apenas cumprindo a vontade de Deus fazendo você pagar ou estaria ele iniciando a ação e gerando karma? E se é o caso, então você não pode explicar todos os seus sofrimentos baseando-se em vidas passadas. Muito do seu sofrimento seria sem causa mesmo. Está vendo? O tipo de controle que o karma teria que ter sobre todas as pessoas seria algo incompreensível.

A lei de causa e efeito é o termo mais justo para compreendermos os mecanismos morais de reajuste de conduta de nosso plantio facultativo, já que sabemos ser a colheita obrigatória. O Karma é um conceito Indu, que provém do sânscrito, e não espírita, que reproduz um aperfeiçoamento do conceito no qual não se admite que, no processo reencarnatório, haja regressão a reinos inferiores ao reino hominal, objetivando o cumprimento desta lei. Sanado as diatribes, vamos ao conceito.

Os exemplos do crítico aventados para desabonar as causas atuais de nosso sofrimento como sendo ao nada, predizendo que nossas mazelas morais não tem nenhuma relação com nossa atitude, reproduzindo sua tese no mecanismo da lei de talião exarada na Torá, ou melhor dizendo, da Lei de Moisés, mesmo que mal compreendida, nos arremata que um estuprador em sua vida futura sofrerá o mesmo mal causado como sendo uma necessidade de resgate de seus débitos, visando, obviamente, o seu próprio aprendizado. Lembramos que a Lei de Moisés prevê uma punição corretiva para atos no presente, o que a Doutrina Espírita o expande para atos e consequências em vidas passadas, quando os eventos atuais não possuem causa no presente. Contudo, mesmo não sendo clara a Torá sobre a reencarnação, em estudo contínuo, depreendemos que existem vários níveis de interpretação da Lei de Moisés. Para tanto, mesmo no Decálogo há registrado que as iniquidades dos pais passadas para os filhos serão cobradas nas terceiras e quartas gerações deste mesmo espírito infrator, cessando assim uma infundável punição hereditária e até mesmo a culpabilidade de tais atos em desacordo com a providência às gerações futuras como boa parte ainda acredita. Quando entendemos neste nível de entendimento da Torá, percebemos que a Lei inexorável do Eterno cobra àqueles que diretamente disseminaram as iniquidades e a partir daí, o Eterno cessa a cobrança, pois o espírito infrator passou pelo meio pedagógico do aprendizado e reeducação espiritual, quando voltou à Terra, em novas gerações (terceira e quarta).

Um exemplo bem conhecido é o do profeta Elias, que decapitou 450 profetas de Baal, e quando reencarnado como João Batista, precisava reestabelecer todas as coisas, e uma delas era satisfazer a lei moral de causa e efeito, vindo, em razão disso, a morrer decapitado em sua nova encarnação, a mando de Herodes, já que Herodíades pediu a cabeça do profeta numa bandeja de prata. Neste caso, não foi necessário ser decapitado outras 450 vezes em 450 vidas futuras, já que sua missão como precursor do Messias atenuou a necessidade de resgate de seus débitos passados, em conformidade com o apóstolo Pedro que, em uma de suas epístolas, nos ensina que o amor cobre multidão de pecados.

O ceticismo permanece com a incógnita e tenta refutar as explicações mais plausíveis, não acometendo conceitos mais bem elaborados ao que a Doutrina Espírita nos oferece. Caso não haja a responsabilidade pelos seus atos, seja na vida presente, ou ainda numa vida futura, é preciso criar a consciência de que certamente seremos cobrados por aquilo que praticamos e os agentes desta lei de causa e efeito fazem parte do mecanismo de aprendizado que permeia a individualidade e seu processo de aprendizagem nas leis divinas e imutáveis. Jesus, o maior pedagogo de almas, e mestre, nos ensina que é necessário que venham os escândalos, mas aí daquele que por meio deles vierem. Tal ensinamento, sem a reencarnação, fica completamente sem sentido, mas quando nos valem das vidas sucessivas, o véu lhe é retirado e a verdade salta aos olhos.

O livre arbítrio, mediante a reencarnação e a aplicação da lei de causa e efeito, não é anulado, uma vez que cada um é livre no agir, mas condicionado às consequências de suas atitudes. O que resumimos neste conceito é de quem somente teve atitudes completamente destrutivas em relação ao seu próximo vem numa vida futura com a tarefa de reconstrução de tudo aquilo que praticou em desacordo com a providência divina, respeitando o livre-arbítrio como direito individual, mas responsabilizando cada um por suas atitudes, seja na vida presente, ou na vida futura.

É muito mais fácil imaginar que as pessoas fazem o que querem e sofrem ou não consequências de seus atos dependendo das circunstâncias e não de uma força invisível controlando às mesmas. É mais simples e prático e lógico. O livre arbítrio exige o acaso. Somente num sistema imprevisível como é o nosso a liberdade poderia existir. Liberdade de decidir o que é certo e errado. Se existir uma força controlando tudo, ninguém é livre e punições e recompensas se tornam injustiças.

Anteriormente analisamos somente os resgates como meio educativo do espírito na sua jornada evolutiva. À medida que progredimos, temos a plena consciência de nossas atitudes e consequências que delas seremos acometidos por conhecimento de causa, o que nos coloca como protagonistas de nosso próprio destino, mediante o amadurecimento e a responsabilidade de nossos atos mais acentuados e condizentes com as leis morais imutáveis; sofreremos menos, ou mais, conforme nossas escolhas certas, ou erradas.

Não há acaso e circunstâncias aleatórias como se houvesse deliberação e irresponsabilidade por parte dos humanos irresponsáveis e recalcitrantes no erro, pois assim não haveria progresso com um processo de aprendizado condicionado ao nosso estágio evolutivo. A lei de causa e efeito além de física é, sobretudo moral e ela tende a educar o espírito aprendiz e não puni-lo! Quanto mais o espírito progride, mais livre ele se torna, já que se harmoniza com as leis cósmicas que regem a sua conduta, bem como mantém o equilíbrio dos orbes e suas galáxias. Quanto mais atrasados somos, nos tornamos mais escravos de nossas paixões. Liberdade é poder decidir pelo caminho reto e por ele prosseguir na senda da evolução moral e intelectual. Destarte, não há liberdade, se não houver responsabilidade. Liberdade não é escolher entre o certo e errado, mas saber escolher de forma mais acertada e condizente com as leis morais vigentes, pois somente assim não seremos condicionados a resgatar nossos débitos para fins de aprendizado.

É neste axioma que a justiça se revela, já que se não houvesse a responsabilidade de nossos atos, seríamos impunes ao acaso de consequências aleatórias e desconexas que nem mesmo o ceticismo a explicaria! A recompensa pelo esforço é a mais aceita nos ditames espíritas e sem ela não teríamos o conceito de

justiça mais apurado, pois muitos de nós estamos em diferentes graus de inteligência e moralidade distintos uns dos outros. Anular a reencarnação é lançar anátema sobre o senso comum de justiça pelo merecimento individual que cada um se torna capaz de ser livre, de tomar as decisões que sua maturidade comporta, direcionando pelo caminho menos penoso do aprendizado inerente ao espírito em sua caminhada.

O arrependimento só é possível com a memória. Se eu não lembro que fiz algo ruim, então como vou me arrepender? No campo individual a teoria da reencarnação é totalmente inútil. Se você aceitar a teoria da reencarnação, tudo de ruim que acontece com você, você pensa que é punição por faltas passadas e aí agüenta calado. Aceita numa boa. Consola-se pensando que é um criminoso e que tudo que lhe acontece é merecido. É por isso que sociedades que aceitam essa teoria não trouxeram evolução social. Quem nasce pobre se conforma com a pobreza pensando que na próxima vida vai nascer melhor já que foi bom nessa. E o que é ser bom? Agüentar tudo calado e aceitar sua condição social é bondade? A história mostra que não. A Europa só evoluiu e arrastou o resto do mundo quando pessoas em condições sociais inferiores se revoltaram. Se acreditassem na reencarnação nunca fariam isso.

Quando é teorizado e racionalizado o aprendizado de vidas pretéritas, condicionados pela memória, como meios pedagógicos dos espíritos reencarnantes, faz-se mister esclarecermos que, como já dissemos acima, cabe a nossa percepção de que é necessário ao homem o esquecimento do passado, principalmente quando somos reféns de algum desvio que nos manteria distantes de nossos desafetos, de nossos desafios diante de nossa personalidade em construção de um caráter e principalmente recalcitrantes nos erros que nos arrastaram a diversos desajustes com a harmonia cósmica ao qual estamos inseridos.

Não poderíamos nos furtar de que somos o personagem principal de nosso próprio destino, traçando assim não somente nosso perfil psicológico, mas também a nossa carga emotiva que precisa ser moldada no amor ao próximo, pautada no conhecimento de si próprio, não só de suas existências pretéritas, mas sobretudo sobre nossas potencialidades como espíritos numa jornada de aprendizado terrestre, não de seres meramente humanos ensaiando uma experiência espiritual.

Vemos claramente como inútil a falta de percepção que a reencarnação nos outorga como compreensão dos diversos níveis que cada ser humano se encontra, dos destinos ao qual plantamos no passado, sendo ele bom, ou não, importante sabermos que a colheita se faz presente em nossa vida atual. Quando percebemos este mecanismo divino de justiça a dar a cada um segundo o próprio esforço, desaparecem nossas dúvidas, abre-se o horizonte de nossa nova percepção e o nada passa a fazer parte do passado, quando estivemos presos a aleatoriedade de uma vida sem nexos, objetivo e principalmente sem mérito pelo que construímos em nosso ser, já que tudo se perde com a morte de nosso corpo físico, ficamos esquecidos e inaptos a sentir e perceber o real significado da vida que é aprender e amar. Caso fosse a nossa vida apenas uma via de mão única, certamente não teríamos no retrovisor da vida, a percepção do que fomos, a plena direção de nosso eu maior e o olhar adiante do ser que fomos projetados para ser em sua plenitude com o divino.

Lançar mão de uma interpretação de bondade com a condescendência com o erro de uma comodidade pessoal com as dificuldades da vida, não nos tornaríamos capazes de superar as nossas provas e nos tornarmos melhores em todos os sentidos que a alma humana ensaia em sua dança da vida real. Afinal, para que servem as

provas? Para serem superadas, pois assim como a nossa condição atual requer um esforço sobre humano para sairmos da inércia de nossa condição, muito maior será o mérito ao vencermos nossos matizes e percebermos que a felicidade está nestes pequenos momentos de vitória pessoal, seja ela qual for.

Quando apequenamos nossa visão, numa revolta armada como mecanismo de reação diante de um cenário social, que não condiz com a nossa visão de mundo, percebemos que exemplos como a Europa, um continente eminentemente católico romano, do que crê em uma vida somente, estamos negligenciando em nações orientais que tem no Budismo, por exemplo, uma visão de disciplina, de conduta reta, tal como o Japão que é responsável por boa parte de nossas inovações tecnológicas, de antigos tigres asiáticos que nos trazem o caminho do progresso econômico que alavanca o mundo sem apertar um gatilho de uma arma sequer. Temos que nos ater ao nosso cenário mundial e percebemos que aquilo que ignoramos é muito maior do que sabemos e quanto mais sabemos, maiores serão as nossas perguntas!

Essa crença leva ao conformismo. Já que todos são criminosos, aceitam todo sofrimento numa boa sem reclamar. Se o ser humano aceitasse o sofrimento, o mundo não teria evoluído. Qualquer teoria que leve a aceitação do sofrimento é nociva à sociedade. O sofrimento tem que ser reduzido ou eliminado o máximo possível. Qualquer tipo de sofrimento é injusto. Só isolamos alguém na cadeia para reduzir o sofrimento e não para aumentá-lo. É melhor um sofrendo que vários.

Sobre os conformismos já explanamos de forma bem sucinta sobre o tema, mas nos fez lembrar de uma parábola. Havia um ancião que observava sempre o cume de uma montanha e certa feita se preparou para escalar tal montanha, objetivando chegar ao topo e ter a visão mais ampla do mundo em que vivia, bem como alcançar o objetivo tão difícil em sua vida. Com isso, fez uma grande jornada de preparação até o início de sua subida. Para tanto, convidou um amigo que tinha um propósito de também conhecer ao cume do monte, mas que este amigo não teve a mesma preparação que o ancião. Começaram a jornada e com o passar da trajetória, foram observando as pedras no caminho e quão penoso se tornou a empreitada. Chegando a certa altura do monte, o amigo convidado pelo ancião não tinha mais como prosseguir, pois sua preparação não lhe era suficiente para dar-lhe mais fôlego e acompanhar o amigo ancião.

Destarte, ficou pelo caminho o amigo com a bela vista que sua capacidade lhe dava. Prosseguiu o ancião, enfrentando as dificuldades de sua rota rumo ao topo. Chegando lá, após muito esforço, sentiu grande satisfação em concluir o objetivo, mas ficou com a imagem do amigo que não teve condições de acompanhá-lo. Diante de tanta felicidade em tão pouco tempo desfrutado pela vista que o cume da montanha o dava, desceu o ancião com o propósito de levar seu amigo, para que ele, do mesmo modo, pudesse conseguir o seu objetivo. Encontrando-o na sua descida, contou-lhe tudo o que tinha visto e como foi gratificante os anos de preparação para alcançar seu objetivo e da mesma forma, preparou o seu amigo e tempos depois conseguiram juntos alcançar o objetivo comum e maior foi a alegria do ancião em proporcionar ao seu amigo a mesma sensação que seu esforço pessoal dera-lhes. Moral da estória, somos capazes de realizar as metas que estivemos preparados e nossa felicidade é ainda maior quanto motivamos outros a conseguirem objetivos comuns diante do que nosso esforço é capaz de realizar, descobrindo que a felicidade não é o cume, mas a trajetória que ela proporciona até chegar a ele.

Outro ponto bem salientado é o sofrimento abordado pelo crítico das vidas sucessivas. Constatamos que houve uma comparação a todo o ser humano a um criminoso que sofre calado e até mesmo sem saber que sofre. Ocorre que não somos

criminosos, mas pessoas que ignoram a causa do sofrimento que reside logicamente em nossas próprias atitudes, muitas das vezes em desacordo com a lei cósmica por desconhecê-la, ou ainda por não segui-la, sejam elas conhecidas da vida presente, ou numa vida passada. A recordação na vida atual de alguém que vê, em seus atos em desacordo com a providência, a negligência de um ato que leva vantagem sobre seu próximo em lhe retirar sem o devido valor do trabalho, certamente o levará cativo ao cativo, uma vez que praticou um ato em desacordo com as leis penais vigentes. Já o infrator encarcerado, observa-se, em algumas ocasiões em que o sistema prisional oferece a necessidade e incentivo do trabalho para conhecer sua importância, seu mérito e redução mesmo de sua pena como valores humanos capazes de reconduzir este irmão em desatino existencial à feiras de homens justos e persistentes em continuar a jornada de trabalho como meritória diante de sua dedicação, bem como a necessidade de angariar, através do estudo, mais capacidade para desempenhar tarefas mais complexas.

Este deveria, ao menos ser o modelo ao qual a sociedade almeja, a fim de que tenhamos menos criminosos e mais homens de bem. Contudo, para àqueles que ainda não se libertaram da facilidade que a ilusão do mínimo esforço lhe torna turva a visão de mundo ao qual possui, necessário será estar em condições mais desafiadoras para despertar-lhe a consciência da necessidade do trabalho, objetivando o bem comum de uma sociedade. Quando o crítico nos aponta como um sofrimento individual, poupando a massa, enxergamos como a necessidade da sociedade reintegrar este infrator ao seio social de forma que todos nós seremos responsáveis uns pelos outros, tal qual o ancião que desce a montanha de seu conhecimento e ensina ao amigo o caminho do próprio esforço como único para se chegar ao cume do entendimento do objetivo da vida que é o trabalho e estudo contínuo, refletindo assim a mensagem evangélica do mestre dos mestres que devemos amar uns aos outros como ele nos amou e nos esforçar por adentrar na porta estreita das virtudes celestes!

Quando o ser humano primitivo queria algo, simplesmente ia e tomava. Depois passou a viver em sociedade. E aí a natureza selecionou um sistema para garantir a sobrevivência. Quando digo que ela selecionou, não estou dizendo que ela fez isso de propósito. O que aconteceu foi o seguinte: milhares de animais morreram porque não tinham um sistema que funcionasse. Quando um sistema que funcionou surgiu, ele permaneceu.

Ao chegarmos a comparação do homem primitivo, este quando queria algo, pela própria experiência, não se atirava sem antes analisar as possibilidades de como fazê-lo, uma vez que em sua infância terrena, as grandes feras dominavam o orbe terráqueo ainda em prelúdio de sua evolução. Percebiam que necessitavam de trabalho, estudo e comunidade para sobreviver. Sua expectativa de vida era bem escassa e quase sempre era abatido por doenças, feras e disputas internas. Somente com a observação que desenvolveram sistemas sociáveis, armas e ferramentas que propiciassem a captura e domínio de seres que antes os aterrorizava. Com o tempo perceberam que não mais era necessário a vida nômade e por isso, desenvolveram a agricultura e as primeiras tribos foram se formando. Somente a partir do trabalho, estudo e observação é que dominaram as espécies animais e a natureza, chegando aos nossos dias com milhares de anos de experiência, pela seleção natural, progrediram e a evolução nos conduz a reencarnação como propulsora do desenvolvimento humano, capaz de nos aperfeiçoar e nos manter no topo da cadeia alimentar. Vivemos hoje num novo dilema, como equilibrar tanto desenvolvimento para perpetrar nossa espécie em equilíbrio com a natureza? Este é o grande desafio que as necessidades básicas devem se sobrepujar a futilidades de uma vida terrena, ainda recente, mas com potencial a se ajustar ao que nossa casa chamada Terra pode nos oferecer.

Comparar a sociedade humana a qualquer outra que está a degraus anteriores a nossa, dando a percepção que somente nós é que temos a capacidade de sobreviver daqui em diante, é um tanto quanto presunçoso, pois os reinos vegetal e animal estão aqui a milhares de anos antes do surgimento da vida humana. Enxergamos a vida humana como um degrau a mais, mas não o fim, já que a espiritualidade plena nos aguarda milhares de anos à frente de nossa evolução para chegarmos com o objetivo fim de um criador cósmico que parte de inteligências inatas aos seres angelicais, processo que é comum ao cosmo, ofertando a cada um as mesmas possibilidades, cabendo a velocidade do aprendizado ao esforço individual!

Esse sistema desenvolvido pelos animais sociais é o sistema hierárquico. Ou seja, todo grupo de animais tem um chefe. Isso funciona, porque sem um chefe (o chefe é o mais poderoso da turma), os animais lutam o tempo todo entre si. O chefe apareceu para manter a paz e garantir a partilha dos recursos. Antes da existência do líder, a vida social era uma luta constante.

Interessante comparação entre chefe e líder que para nosso conceito é bem mais diferenciado entre ambos, do que a similaridade oferecida pelo crítico, sendo que aplicados ao reino hominal possuem impactos ainda mais pujantes. No reino animal não existem chefes, mas animais que desempenham o papel da liderança pela força, sagacidade e capacidade de sobrepujar outros de mesma espécie. Desconhecemos um organismo social no reino animal que tenha existido sem esta figura, até mesmo por quê deve-se sempre pelo lado da procriação selecionar as espécies mais preparadas para estarem sujeitas as condições do meio ambiente e perpetuarem seus descendentes.

Dentro da realidade humana, existem sim chefes que impõe seu ritmo de vida a seus subordinados pela força, mas há poucos líderes que motivam seus liderados. Este conceito de liderança evoluiu do reino animal ao hominal, conduzindo a humanidade a caminhos que o líder inspira, sejam eles para o bem, ou para o mal. Se acaso um líder conduzir a massa para o caminho em desacordo com a providência, certamente seu grau de comprometimento será muito maior do que seus liderados e a reencarnação oferece o mecanismo de reparação e reutilização da capacidade de grandes líderes do passado desenvolverem tarefas de recondução das massas ao caminho do bem, uma vez que utilizaram suas capacidades para o mal. Partindo deste axioma, a natureza do progresso espiritual é perene e condizente com as leis da natureza e por conseguinte, a reencarnação.

O que tem isso a ver com a reencarnação?

O sistema hierárquico entre os animais sociais funciona. Se você examina-lo atuando em vários grupos de animais sociais verá que é um fator positivo e explica muitos fatos.

A reencarnação não explica as coisas a contento.

A vida social é injusta porque as pessoas nascem diferentes. Uns nascem inteligentes, fortes e bonitos. Enquanto outros nascem feios, burros e fracos. Ou então uns nascem com algumas dessas qualidades e sem as outras. O fato é que sempre existe um membro da sociedade superior ao outro de algum modo. Essa superioridade é individual e não racial. Tanto que existem burros e inteligentes em todas as raças. Assim como feios e bonitos e assim por diante. Você acha que se a Sandy tivesse nascido na Etiópia, ela teria se tornado o sucesso que é? Tudo que você é, é resultado de muitos fatores. Agora dizer que a Sandy nasceu assim porque ela foi melhor que alguém que nasceu na Etiópia na outra reencarnação é puro elitismo. Você está dizendo que a Sandy é

melhor que uma criança da Etiópia não só por causa das circunstâncias em que nasceu como também moralmente. Você está dizendo que ela é rica, bonita, canta bem porque é moralmente superior a quem nasceu na Etiópia. Está dizendo que uma pessoa saudável, rica e bela é moralmente superior a uma pessoa aleijada, feia e pobre. Por isso a idéia da reencarnação é o pensamento mais elitista e arrogante que conheço para explicar fatos naturais. Daí que quem crê na reencarnação não é melhor que quem crê em céu e inferno. O resultado é o mesmo. Os países evoluídos são os céus e os países pobres são os infernos.

O autor ao explanar sobre a hierarquia no reino animal nas linhas mais acima, ao qual esclarecemos, atenta agora a se indagar o que tem a ver com a reencarnação. Seu esforço será claramente em negá-la, sob a ótica cética, contrapondo que as lideranças no reino animal explicam muito mais do que a reencarnação pode oferecer aos seres humanos. Mais adiante ele nos oferece um terreno que o ceticismo permanece em estado de hibernação filosófica há algum tempo, pois tenta, através de longa data, explicar as diferentes classes de pessoas, mediante seu grau de instrução, estado físico, grau de adiantamento moral, etc, como explicados pelas lideranças do reino animal, suas nuances e similaridade com o reino hominal. Este é um terreno que ele poderia ter deixado de lado, pois somente a reencarnação é a ferramenta de que nos dispomos para entender as diferentes classes entre os seres humanos, que são únicos responsáveis pelo próprio adiantamento, tendo em vista as provas que superam, objetivando o progresso moral e intelectual.

Não satisfeito, ele propõe um exemplo, sendo este o da cantora Sandy, que ao nascer no Brasil, pode desenvolver-se mais do que se houvesse nascido na Etiópia. Como já dissemos acima, o que ignoramos passa a ser maior do que sabemos e neste ínterim, lançamos outro exemplo em contrapartida ao que o cético nos oferece. Na África do Sul nasceu um grande líder e que com uma cultura que pouco lhe oferecia de possibilidades, a discriminação de uma raça minoritariamente lhe forçava, crescia Nelson Mandela, uma das grandes personalidades africanas a lutar contra o Apartheid em sua nação que reverberou para o mundo. Com muito menos beleza que a Sandy, com muito menos possibilidades ainda, desenvolveu-se como um grande líder a conduzir uma nação contra o preconceito e desta forma, mais notoriedade atingiu do que o exemplo aplicado pelo Cético. Certamente que a carga evolutiva de Nelson Mandela corroborou em uma tarefa mais importante a executar no seio da humanidade do que a Sandy desempenha ainda em vida. Não estamos diminuindo a Sandy, mas colocamos Nelson Mandela como um exemplo que o cético certamente não deteve em suas reflexões para entender que somente a reencarnação poderá nos fornecer explicação.

A cultura de um país é significativa para um espírito desenvolver certas habilidades que poderá oferecer. Poderíamos ainda dar outro exemplo, a de uma jovem garota que teve senão as mesmas possibilidades da Sandy, a mesma beleza, mas que seus caminhos foram seguramente opostos, como o exemplo da Suzane Richthofen que foi condenada à reclusão por ter arquitetado a morte dos próprios pais para ficar com a herança. Somente a reencarnação poderá nos fornecer meios de entender como pessoas com as mesmas possibilidades tomam decisões e caminhos tão diferentes, bem como pessoas com nenhuma perspectiva podem liderar movimentos em países com alto índice de discriminação, lutando com tanta vivacidade pela igualdade entre os homens. Tais exemplos ilustram o que o crítico não se apercebeu e que poderíamos nos alongar nas páginas seguintes a discorrer sobre outros tantos exemplos que enumeram a realidade da reencarnação e não com uma injustiça aparente que ela não oferece, senão pela negligência e falta de reflexão diante dos fatos, por parte daqueles que ainda não compreendem as vidas sucessivas.

A teoria da reencarnação surgiu para explicar a injustiça do nascimento. Uma pessoa há muito tempo atrás perguntou, “Por que uns nascem superiores e outros inferiores?” Isso é uma injustiça! Daí ele desenvolveu a teoria da reencarnação para explicar a justiça e injustiça do mundo. Só que ela não funciona por causa dos fatores citados acima. Ao invés de trazer justiça ao sistema, ela trás mais injustiças ainda.

A medida que o homem progride, estuda, trabalha e evolui intelectual e moralmente, através da observação, poderá notar fatos que a natureza nos apresenta e entender as nuances que nos rodeiam, assim, no caso da reencarnação, foi um conceito que não foi criado pela Doutrina Espírita, mas que progrediu desde milênios passados, de diversas culturas orientais, gregas e demais filosofias até os dias de Kardec que nos trouxe mais luzes sobre o tema tão importante para a humanidade, retirando o véu do mistério e ampliando nossos horizontes da percepção humana de que as vidas sucessivas, nos moldes do Espiritismo, nos explica muito mais do que nossos companheiros cétricos tentam apresentar. Que cada um possa tirar suas próprias conclusões do que apresentamos e perceber que a reencarnação derruba as injustiças e dá as mesmas possibilidades a todos nós em construir nosso caráter, conscientes de que ao mais alto cosmo estamos sendo direcionados pelo grande Arquiteto do Universo com a plena justiça de que cada um terá as mesmas oportunidades do que nosso próximo, mas que caberá a nós mesmos a caminhada.

Porque um ser humano sente pena do outro? Por causa de uma coisa chamada empatia. E não por causa da reencarnação. A empatia depende muito da sensibilidade de cada um. Tem gente que nunca consegue se por no lugar do próximo, e aí se mostram muito insensíveis. A reencarnação procura mostrar que os insensíveis ainda terão que nascer muito para desenvolver a sensibilidade. Mas o fato é que é a sociedade de cada um que determina esse grau de sensibilidade e não o indivíduo mesmo. Quanto mais avançada moralmente uma civilização maior à capacidade de ser por no lugar do outro. Exemplos, quanto mais avançada é a cultura de um indivíduo mais sensível ele é. Europeus se preocupam com os direitos dos animais porque suas necessidades básicas foram preenchidas. Crianças da Etiópia sofrem tanto que não conseguem pensar em ninguém a não ser elas mesmas. Se a reencarnação fosse um fato, ninguém nasceria em condições que promovessem a insensibilidade e a violência e sociedades menos evoluídas desenvolvem mais esses fatores. De novo a reencarnação se mostra elitista. Ela está dizendo de fato que quem é sensível é mais evoluído moralmente, esquecendo de todos os fatores sociais e naturais que levam uma pessoa a ser assim.

Neste ponto da argumentação do cétrico, é feita a tentativa de dissociar a empatia da reencarnação e a incapacidade de que cada um de nós tem na possibilidade de desenvolvê-la, seja na vida presente ou na vida futura. Nas linhas acima ele nos convida a acreditarmos que a reencarnação é sinônimo de injustiça e neste ponto de sua argumentação, apresenta-nos a injustiça de que alguns desenvolvem a empatia uns para com os outros, e outros não. Pois bem, estamos diante de uma grande injustiça, pois segundo o crítico, o meio ao qual vivem propiciam a capacidade de desenvolver a empatia como virtude inerente a prática individual. Para tanto, ele nos oferece um exemplo de que a empatia mais facilmente se desenvolve quando países mais adiantados como a Europa, uma vez satisfeitas as suas necessidades básicas, poderiam desenvolver a empatia pelo próximo, já as pessoas que nascem em países africanos, com alto índice de miséria, ficam desprovidos de desenvolver a empatia por

aqueles que ali residem, já que não possuem suas necessidades básicas atendidas. Já demos exemplos suficientes de que existem grandes líderes que nascem em países imensamente pobres, populosos e desprovidos de quaisquer recursos, onde grandes personalidades como Nelson Mandela, Gandhi, Madre Teresa de Calcutá e muitos outros anônimos que exercem o amor ao próximo acabam por se destacar em meio às adversidades, bem como existem muitos exemplos de pessoas que nascem em países com muito mais condições, em meio social que propiciariam a serem pessoas bem melhores, mas que os fatos nos apontam que existem grandes egoístas com todas as suas necessidades básicas atendidas e com grande potencial de se desenvolverem. Sem a chave da reencarnação, não entenderíamos essas diferenças e condicionariamos ao meio em que vivemos o nosso sucesso, ou a nossa desgraça, enquanto os fatos apontam para outra direção.

Quanto a imaginar a reencarnação ser uma condição de nos tornarmos mais orgulhosos, percebemos que nosso ego é alimentado justamente quando acreditamos que ao nascermos em um berço privilegiado e em um país mais adiantado nos tornaria melhores do que muitos outros que nascem em condições precárias e em países extremamente pobres. Este sim é um pensamento eminentemente elitista que escolhe alguns em detrimento de muitos outros, não dando a cada um as mesmas oportunidades de se desenvolverem. A reencarnação quebra este elo e dá a cada um segundo os seus méritos.

O que você é, é determinado pelo seu corpo, sua família, sua sociedade. Tantos fatores que o próprio Buda, que apoiava a teoria da reencarnação porque nasceu na Índia, questionou a mesma e no final disse que não temos um ego de fato. Que o que somos é uma relação de vários fatores e que se você analisar tudo no final chegará à conclusão que o ego ou alma não passa de fantasia.

O que nós somos não depende de nosso corpo, somos eminentemente seres espirituais numa experiência terrena, determinando nosso caráter através das várias experiências em vidas sucessivas, mediante o exercício de nossas virtudes, onde coloca nosso corpo como veículo de manifestação ao nosso ser, equilibrando a mente e o corpo, trazendo a melhor capacidade possível de nos desenvolver em família e sobretudo em sociedade, tal como mecanismos inerentes à nossa evolução, pois o que vivenciamos ficará registrado em nossa alma e nos acompanhará a caminho da luz. Somos o resultado de nossas experiências e observação. Quando condicionamos todo o nosso ser a fatores externos que influenciam mais do que nossas escolhas, estamos fadados a ser bons, ou não, e isso dependerá de fatores externos que na visão do cético, é o que determinará nosso ser. A reencarnação nos aponta na consciência de que somos o produto de nossas próprias escolhas e não das circunstâncias que nos cercam.

Sobre a citação de Buda, gostaríamos de saber onde se encontra esta afirmação e nos colocamos à disposição para discutir sobre este tema, onde se diz que o próprio Buda não nos legou o conceito da iluminação através das vidas sucessivas, e julgou como fantasia a vida espiritual. Estamos aguardando as citações de Buda, pois pelo pouco que conhecemos, não encontramos tais assertivas!

Outro detalhe. A população aumentou bastante nos últimos 500 anos. De onde estão vindo todos esses espíritos? Muita gente faz terapia de vidas passadas, mas matematicamente a grande maioria estaria aqui pela primeira vez, mas os “terapeutas” nunca falam para ninguém que essa é sua primeira vez. Qualquer um que procurar fazer essa terapia será dito que já passou por aqui antes. A lei da estatística diz o contrário.

Para este argumento de que o aumento populacional é contra a reencarnação, precisaremos de dois conceitos que o cético, certamente, não aceita: o das vidas sucessivas e dos diversos mundos habitados que existem no universo. Estes dois conceitos respondem a esta dúvida do cético que poderá, inclusive, responder a dúvida de muitos outros leitores. Logo após, o crítico propõe que a TRVP (Terapia Regressiva de Vidas Passadas) sempre remeterão às vidas anteriores já que os terapeutas induzem à crença em vidas anteriores, não dizendo que estamos aqui pela primeira vez, porém, o que de fato, é que estamos aqui pela primeira vez e a vida atual será a última, mas um importante detalhe foi esquecido, ou negligenciado pelo crítico, o de que somos criados simples e perfectíveis. Se hoje nos encontramos no estágio evolutivo atual, é pelo simples fato de que já saímos dos primeiros milênios de evolução e nos encontramos num grau mais adiante de nosso nascimento espiritual. Convidamos ao crítico a leitura do psiquiatra norte-americano Brian Weiss e suas obras sobre o tema, que tratam a opinião desse renomado médico, aliás, não espírita, sobre o assunto. Existem outros autores ainda de renome no meio científico como Ian Stevenson, Elisabeth Klüber-Ross, etc.

Sobre a lei da estatística, confesso que não entendi onde quis chegar o crítico, pois nossa bagagem intelectual e moral nos remete a experiências anteriores, senão teríamos seres criados com um cabedal de conhecimento mais privilegiado do que outros sem a mesma sorte. Mas se estiver referindo-se ao aumento populacional, é bom lembrá-lo que a Terra não é o único planeta existente no Universo Infinito provido de vida.

A reencarnação também é uma teoria oposta a Deus e a Cristo. Qual a necessidade para Deus num sistema de causa e efeito como a reencarnação? Toda a ação gera uma reação e todo o processo é automático. Para que serviria Deus? Por isso o budismo é um sistema essencialmente ateu. Alguns outros sistemas querem juntar reencarnação e a idéia de Deus, mas não conseguem..

E também se você evolui de vida em vida nascendo em condições cada vez melhores, qual a necessidade para um salvador? No sistema reencarnacionista, um salvador é inútil.

Só que no sistema reencarnacionista as idéias de inferno e céu e medo permanecem. E até bem mais reais. O inferno é um país como o Afeganistão e o paraíso é um país Europeu ou os Estados Unidos. Você se torna bom para nascer nos EUA e evita o mal para não nascer na Etiópia. É a idéia do medo que predomina do mesmo modo.

Em nosso desfecho, responderemos a questão levantada pelo cético, pois o que valeria a Deus o sistema de causa e efeito? A resposta é bem simples, a noção de responsabilidade pelos seus atos, pois quando infligimos uma lei moral, ficamos inexoravelmente condicionados ao seu efeito, que tem por objetivo não punir o seu infrator, mas pedagogicamente corrigir seus erros através de experiências reparadoras. O seu objetivo principal é dar ao espírito a capacidade de avaliar as consequências de seus atos e quanto maior for o grau de maturidade deste espírito, menos é a chance de errar e maior a liberdade diante da lei cósmica, pois fica isento de resgates, mas encarregados de ditosas missões de levar seus irmãos, em degraus abaixo do seu, ao progresso alcançado, sobretudo pela satisfação de ser útil na seara do bem.

Sobre a necessidade de Jesus ter vindo ao mundo, tencionamos em crer como na questão 625 de *O Livro dos Espíritos* que Jesus, o mestre, é o ser mais perfeito que esteve na terra e que é nosso guia e modelo. Este é o objetivo de o governador da Terra, o de ter vindo nos guiar pelo caminho rumo ao Eterno. A ideia do céu e inferno, como

condições após a morte, perde a sua força e a reencarnação responsabiliza muito mais o espírito encarnado do que uma condição que poucos acreditam. Ademais, estados de céu e inferno são condições da consciência de cada um. Atribuir ainda ao céu países mais adiantados e ao inferno países menos adiantados, já é uma condição que numa vida única fica a grande pergunta. O que fizemos para merecer o céu de nascer em países ricos, ou o desgosto de vir a nascer num país extremamente pobre? Sem a reencarnação, o cético ficaria sem resposta.

Caso o assunto de João Batista ser a reencarnação de Elias e da Torá e a Reencarnação. Sugerimos os textos abaixo como adendo para aprofundamento sobre o tema.

[Jesus disse que João Batista era Elias reencarnado?](#)
[Analisando Norman Geisler, João Batista é ou não Elias?](#)
[A Torá e a Reencarnação](#) (Em revisão)